

I

A chama da vela e a imagem da chama da vela reflectida no tremó contorceram-se e tornaram a endireitar-se quando ele entrou no salão e novamente quando fechou a porta. Tirou o chapéu e avançou devagar. As tábuas do soalho rangeram-lhe sob as botas. De fato negro, surgiu, imóvel, no espelho sombrio, onde os lírios se reclinavam, tão pálidos, da jarra de colo estreito feita de cristal lapidado. Ao longo do frio corredor que deixara para trás estavam pendurados os retratos de antepassados que ele só vagamente conhecia, todos encaixilhados em vidro e banhados por uma luz ténue acima do estreito lambrim. Baixou os olhos para o coto de vela quase derretido. Encostou a polpa do polegar à cera quente derramada sobre o revestimento de carvalho e premiu num gesto suave. Por fim, olhou para o rosto tão escaveirado e tenso entre as pregas de tecido fune-rário, o bigode amarelecido, as pálpebras finas como papel. Aquilo não era dormir. Aquilo não era dormir.

Lá fora estava escuro e frio e não soprava vento. Ao longe, um vitelo bramiu. Ele ficou parado, de chapéu na mão. Nunca penteaste o cabelo assim enquanto eras vivo, disse.

Dentro de casa não se ouvia som algum, à parte o tiquetaque do relógio sobre o friso da lareira, na sala da frente. Ele saiu e fechou a porta.

Escuro e frio e nem um sopro de vento e um esguio recife cor de cinza a despontar ao longo da orla oriental do mundo. Ele afastou-se sobre a pradaria e estacou, de chapéu nas mãos, qual suplicante a dirigir as suas preces às trevas que a todos cobrem, e ficou ali parado muito tempo.

No momento em que se voltava para regressar, ouviu o comboio. Deteve-se e ficou à espera. Sentia-o debaixo dos pés. O comboio irrompeu do oriente a perfurar o negrume, qual satélite desbragado do Sol já próximo, ululante e a soltar urros na lonjura, com a longa luz do farol dianteiro a percorrer o matagal emaranhado de *mezquites* e a gerar do

âmago da noite a infundável vedação junto à linha férrea em linha recta, traçada a régua e esquadro, e a sugar de novo, num abrir e fechar de olhos, as estacas alinhadas e o arame, quilómetro após quilómetro, para o seio das trevas onde o fumo da caldeira se ia dispersando vagarosamente ao longo do novo horizonte esbatido, com o som a chegar desfasado, e ele ficou imóvel, de chapéu nas mãos, no estremecimento momentâneo da terra, de olhos fitos no comboio até que este desapareceu. Depois deu meia-volta e regressou à casa.

Ela ergueu os olhos do fogão quando ele entrou e, ao vê-lo de fato completo, remirou-o dos pés à cabeça. *Buenos días, guapo*, saudou.

Ele pendurou o chapéu num cabide junto à porta, por entre impermeáveis e casacões feitos com mantas e arreios desemparelhados, acercou-se do fogão e serviu-se de café e sentou-se à mesa. Ela abriu o forno e tirou do interior um tabuleiro de pãezinhos doces que acabara de fazer e pôs um num prato e levou-lho e pousou-o diante dele juntamente com uma faca para a manteiga e tocou-lhe na nuca com a mão antes de regressar para junto do fogão.

Foi muito simpático teres acendido a vela, disse ele.

Cómo?

La candela. La vela.

No fui yo, disse ela.

La señora?

Claro.

Ya se levantó?

Antes que yo.

Ele bebeu o café. Lá fora brilhava somente uma luz granulosa, e Arturo estava a encaminhar-se para a casa.

Viu o pai no funeral. Parado do lado oposto do pequeno carreiro de saibro, junto à vedação, sozinho. A dado momento, foi até ao carro, estacionado na rua. Depois regressou. Uma nortada começara a soprar a meio da manhã e havia fiapos de neve no ar, juntamente com a poeira erguida pela brisa, e as mulheres ali sentadas seguravam os chapéus. Tinham erguido um toldo sobre a sepultura, mas a ventania soprava toda de viés e o toldo de nada servia. A lona estralejava, agitando-se, e as palavras do pastor perdiam-se nas rajadas de vento. Quando a cerimónia terminou e os presentes se ergueram para partir, as cadeiras de lona onde tinham estado sentados precipitaram-se aos trambolhões por entre as lápides.

À tardinha, selou o cavalo e afastou-se da casa para oeste. O vento amainara bastante e fazia muito frio e o Sol assomava, vermelho e san-

guinolento e elíptico, sob os recifes de nuvens vermelho-sangue diante dele. Cavalgou para onde sempre preferia cavalgar, até onde o ramo ocidental do velho trilho dos comanches que descia da terra dos kiowas, a norte, cruzava a faixa mais ocidental do rancho, e ali se viam os ténues vestígios do carreiro a romper para sul sobre a pradaria baixa estendendo-se entre os braços norte e central do rio Concho. À hora que ele sempre escolhia, quando as sombras se alongavam e o antigo trilho se recortava diante dele à luz rósea e oblíqua como um sonho do passado, onde os garranos malhados e os cavaleiros dessa nação perdida emergiam do norte com os rostos pintados de branco e os longos cabelos entrançados e cada qual armado para a guerra, que era o seu modo de vida, e as mulheres e as crianças e as mulheres com crianças agarradas aos peitos, todos unidos por votos de sangue e a quem só o sangue poderia redimir. Quando o vento soprava de norte ouvia-se o som do cortejo, os cavalos e a respiração dos cavalos e os cascos dos cavalos, envoltos em couro cru, e o restolhar das lanças e o arrastar constante das varas dos *travois* na areia, semelhante à passagem de uma enorme serpente, e os rapazes nus montados em cavalos selvagens, desenvolto como artistas de circo e a tangerem cavalos selvagens diante de si, e os cães a trotar de língua pendente e os escravos a pé na cauda do grupo, seminus e cruelmente ajouçados, e, elevando-se acima de tudo o resto, as notas graves da canção de viagem que os cavaleiros entoavam durante a marcha, a nação e o seu espectro a sulcarem num coro em surdina aquela aridez mineral, levando consigo, perdida para toda a história e para toda a memória dos homens, qual graal, a soma das suas vidas imemoriais e transitórias e violentas.

Cavalgou com o sol a acobrear-lhe o rosto e o vento encarnado a soprar do oeste. Seguiu para sul ao longo do vetusto trilho de guerra e rompeu até ao cume de uma colina baixa e desmontou e deixou tombar as rédeas e afastou-se e ficou ali parado como um homem que chegou ao termo de qualquer coisa.

Havia um velho crânio de cavalo no meio do mato, e ele agachou-se e pegou-lhe e rodou-o entre as mãos. Frágil e quebradiço. Branco como papel, de tão descorado. Permaneceu acorçado à luz alongada, a segurá-lo, com os dentes de caricatura a bailar nos alvéolos. A superfície do crânio com as suas suturas, como se as placas ósseas tivessem sido soldadas a trouxe-mouxe. O escorrer abafado da areia dentro da caixa craniana quando a voltou.

O que o encantava nos cavalos era o que o encantava nos homens, o sangue e o calor do sangue que lhes percorria os corpos. Toda a sua re-

verência e todo o seu afecto e todas as propensões da sua vida iam para as criaturas de temperamento feroso, e sempre assim seria e nunca de outro modo.

Regressou a cavalgar no escuro. O cavalo estugou o passo. Os últimos laivos de luz do dia espalharam-se devagar sobre a planura atrás dele e tornaram a retirar-se para além das margens do mundo num azul cada vez mais fresco de sombra e penumbra e frio gélido e alguns derradeiros chilreios de pássaros enclausurados no mato escuro e hirsuto. Cruzou novamente o velho trilho e só lhe restava obrigar o garrano a arrear caminho na planície, de regresso a casa, mas os guerreiros, esses, continuariam a cavalgar naquelas trevas em que se haviam transformado, passando a matraquear com os seus artefactos de guerra da Idade da Pedra, privados de qualquer substância, a cantarem em surdina, no sangue e na saudade, prosseguindo para sul, através das planuras, até ao México.

A casa fora construída em mil oitocentos e setenta e dois. Passados setenta e sete anos, o avô dele era, ainda assim, o primeiro homem a morrer sob aquele tecto. Os outros que tinham sido velados naquele salão haviam sido levados até lá sobre uma cancela ou embrulhados num toldo de carroça ou tinham-nos vindo entregar, fechados num tosco caixão de pinho, com o carroceiro parado à porta, de guia de remessa na mão. Aqueles cujos corpos haviam chegado, note-se. Na maioria dos casos, a morte não passara de um boato. Um recorte amarelado de jornal. Uma carta. Um telegrama. O rancho original possuía dois mil e trezentos acres demarcados aquando do parcelamento, levado a cabo por Meusebach, dos terrenos da concessão Fisher-Miller, e a casa original era uma simples choupana de uma só divisão feita de paus e caniços entrançados. Isto em mil oitocentos e sessenta e seis. Nesse mesmo ano, as primeiras cabeças de gado foram conduzidas através de terras que pertenciam ainda ao condado de Bexar, cruzando o extremo norte do rancho a caminho de Fort Sumner e de Denver. Cinco anos depois, o bisavô dele mandou seiscentos novinhos por esse mesmo trilho e, com o dinheiro, construiu a casa, e nessa época já o rancho tinha dezoito mil acres. Em mil oitocentos e oitenta e três, colocaram o primeiro arame farpado. Em oitenta e seis os bisontes já tinham desaparecido. Nesse mesmo Inverno morreu imenso gado. Em oitenta e nove licenciaram as tropas de Fort Concho.

O avô dele era o mais velho de oito rapazes, e o único que viveu além dos vinte e cinco anos. Morreram afogados, abatidos a tiro, vítimas de coices de cavalos. Pereceram em incêndios. A única coisa que temiam,

aparentemente, era morrerem na cama. Os dois últimos morreram em Porto Rico, em mil oitocentos e noventa e oito, e, nesse mesmo ano, ele casou-se e trouxe a noiva para casa, para o rancho, e certamente saiu para o ar livre e afastou-se um pouco e ficou imóvel, a contemplar a sua propriedade, e meditou muito tempo acerca dos desígnios de Deus e das leis da primogenitura. Doze anos depois, quando a epidemia de gripe lhe levou a mulher, ainda não tinham filhos. Passado um ano, casou com a irmã mais velha da falecida, e, um ano depois, nasceu a mãe do rapaz, e não nasceu mais ninguém. O apelido Grady foi sepultado com o velho no dia em que a nortada varreu as cadeiras de lona sobre a erva morta do cemitério. O rapaz chamava-se Cole. John Grady Cole.

Encontrou-se com o pai no átrio do St Angelus e subiram pela Chadbourne Street até ao Eagle Cafe e sentaram-se numa baia, ao fundo da sala. Algumas pessoas sentadas às mesas calaram-se quando eles entraram. Dois ou três homens dirigiram acenos de cabeça ao pai e um disse-lhe o nome.

A empregada tratava toda a gente por jóia. Anotou o pedido de ambos e lançou-lhe piropos. O pai tirou o maço de cigarros do bolso e acendeu um e pousou o maço na mesa e colocou-lhe em cima o isqueiro *Zippo* da Terceira de Infantaria e recostou-se e puxou uma fumaça e olhou para ele. Contou-lhe que Ed Alison, seu tio, tinha ido ter com o pastor depois de o funeral terminar e lhe tinha apertado a mão, os dois ali parados a agarrar os chapéus e inclinados trinta graus na direcção do vento como comediantes de *vaudeville* enquanto a lona estralejava, furiosa, em volta deles, e os empregados da casa funerária se precipitavam pelo relvado atrás das cadeiras de armar, e o tio debruçou-se sobre o rosto do pastor e gritou-lhe que era bom terem realizado o funeral naquela manhã, porque da maneira como as coisas se estavam a pôr, aquela ventania era bem capaz de dar um valente temporal antes do final do dia.

O pai riu-se em silêncio. Depois começou a tossir. Bebeu um gole de água e depois recostou-se, a fumar e a abanar a cabeça.

Um amigo meu ‘teve uns tempos lá em cima, no enclave, e depois contou-me que uma vez o vento deixou de soprar lá naquela terra e as galinhas caíram todas dos poleiros.

A empregada trouxe-lhes o café. Ora aí ‘tá, jóia, disse. Já vos trago a comida, é só um segundinho.

Ela foi pra San Antonio, disse o rapaz.

Não lhe chames ela.

A mãe.